

## A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO:

### MITO, COMUNICAÇÃO E AÇÃO<sup>1</sup>

DUARTE, Sílvia Lúcia Pereira<sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo problematiza as representações históricas ligadas ao Exército Brasileiro, como elas compõem o imaginário social e impactam na identificação dos membros da instituição. Os valores, ética e disciplina militares influem na imagem. Assim, sob as balizas epistemológicas da História Cultural questiona-se o imaginário nas representações de personagens históricos para pensar as narrativas das experiências e vivências que identificam uma cultura, buscando o universo simbólico. Para a consolidação do Estado as figuras míticas, exercem força simbólica, incitam as pessoas e criam imaginários capazes de motivar e inspirar o sentimento de nacionalidade e a busca de um objetivo comum.

**Palavras-chave:** Exército Brasileiro. Cultura. Representação. Mito. Comunicação.

#### Abstract

This article problematizes the historical representations linked to the Brazilian Army, how they make up the social imaginary and impact the identification of members of the institution. Military values, ethics and discipline influence the image. Thus, under the epistemological guidelines of Cultural History, the imaginary in the representations of historical characters is questioned to think about the narratives of experiences that identify a culture, seeking the symbolic universe. For the consolidation of the State, mythical figures exert symbolic force, incite people and create imaginaries capable of motivating and inspiring the feeling of nationality and the search for a common objective.

**Keywords:** Brazilian Army. Culture. Representation. Myth. Communication.

Ao percorrer uma análise antropológica da organização social, do homem/animal, cultura/natureza para compreender a criação de sentidos e representações, desde o momento que o hominídeo se organiza em grupos ao redor do fogo, determina funções e atribuições a cada um de seus membros. Considera-se neste artigo os primórdios da vida em sociedade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Eixo Temático 9. Mitos e mitologias na comunicação humana, do VIII ComCult, Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura do Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, Bolsista CAPES/PROSUC II, Membro do Grupo de pesquisa Núcleo de Estudos de História da Cultura, Sociedade e Mídias da UPM. Lattes: 1588250107483941 Orcid: 0000-0003-0428-7523. Email: silvialpduarte@gmail.com.

Neste momento os objetos tornam-se representações, a partir do seu sentido de uso e mais tardiamente com significados afetivos, porém mais do que os objetos o corpo humano baseado nas relações da vida grupal também possui significação a partir dos costumes, se quiser ousar, estes mesmos corpos são partícipes e documentos da história.

Onde faltam os monumentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas os seus segredos... Deve escutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação... Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história (COULAGES apud LE GOFF, 1990, 539)

Ainda segundo a “Escola de Annales” quando faltar documentos escritos a história deverá ser feita com todos os índices disponíveis para pesquisa. Os índices têm fundamental importância na representação social pois o aprendizado e o convívio se formam a partir da identidade cultural.

A cultura reúne em si um duplo capital: por um lado, um capital técnico e cognitivo – de saberes e de conhecimentos – que pode ser transmitido, em princípio, a toda e qualquer sociedade, por outro lado um capital específico que constitui as características de sua identidade original e alimenta uma comunidade singular por referências a seus antepassados, seus mortos, suas tradições (MORIN, 1976, p.170).

A cultura precisa ser analisada sob diversas óticas, uma delas a semiótica como sugere Umberto Eco:

[...] os sistemas de significados (enquanto unidades culturais que se tornam conteúdos de possíveis comunicações) são organizados em estruturas (campos e eixos semânticos) que seguem as mesmas regras semióticas identificadas para os sistemas significantes[...] (ECO, 2007, p. 21).

Ao imaginar uma Instituição tradicional, com seus preceitos de hierarquia, disciplina e heráldica, visualiza-se o culto às tradições, em sua representação e manutenção. Os indivíduos que se propõe a integrar a instituição já nutrem uma admiração e respeito. Como podemos perceber pela citação:

Desde tenra idade contemplamos e admiramos, encantados, a saudação típica dos militares: a continência. Fascinamo-nos com os desfiles cívico-militares, e logo a maneira como seus integrantes saúdam uns aos outros é objeto de nossas imitações e brincadeiras: movimento enérgico, elevação da

mão direita, palma voltada para o rosto, ângulo de quarenta e cinco graus entre antebraço e tronco, dedos unidos e distendidos, atitude, gesto e duração.

Nesse período da vida não sabemos bem o significado desse ritual, mas talvez por intuição (e um quê de espontaneidade) conseguimos compreender mais ou menos o conteúdo intrínseco desse cumprimento marcial, e percebemos a relação de intimidade e respeito existentes entre destinatário e emissor da saudação (BRITO, on line).

Segundo Erwing Goffman (2002) o indivíduo diante de outros tende a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade, ainda segundo o autor, nas interações os indivíduos reivindicam um valor social positivo que pressupõe construídos durante um contato, esta imagem pode ser compartilhada a nível profissional com a sensação de que a atitude de um espelha a atitude de todos os que compartilham de determinada profissão. Com a padronização de atitudes, esta característica tende a ser maximizada pelos pilares de hierarquia e disciplina esperados dos integrantes da Instituição, a preocupação com a identidade define a fronteira da individualidade que tende a ser pasteurizada por instituições totalizantes.

Os Rituais seriam a expressão deste sentimento, pois desde os primórdios da organização social mantêm a ordem vigente. Embora a atualidade possua toda estrutura tecnologia as necessidades são parecidas com o início da socialização, com base nas proposições de Edgar Morin pode-se analisar que os “Sapiens-Demens” com uma afetividade imensa e instável e necessitam de padrões comportamentais capazes de domar seus desejos, relações e objetivos, por isso surge a vontade de integrar uma instituição capaz de pasteurizar as diferenças individuais, sentem-se parte de um grupo com objetivos maiores que os seus próprios e pessoais.

### **História e Tradição**

O desejo de ser ouvido, visto e reconhecido em sociedade leva o homínido a assumir papéis sociais e muitas vezes os indivíduos aderem a uma instituição. Da mesma forma as instituições para manterem uma unidade e continuidade aderem a rituais, no caso do Exército Brasileiro estes remontam a era em que os seres humanos começaram a disputar seus espaços, territórios e fixar fronteiras.

A hierarquia e a disciplina precisam ser os pilares institucionais quando o que está em jogo é a própria vida e dos descendentes. A sociedade brasileira vive tempos de aparente paz, mas toda a constituição organizacional do exército é planejada, concebida e conduzida para tempos de guerra em que a observância das ordens deve ser inquestionável. Ao analisar desta maneira consegue-se visualizar tanta doutrina na tentativa de cumprimento automático e não questionamento das ordens. No conceito mais primário da sociogênese a sobrevivência daquela sociedade e de sua descendência.

Evitemos pensar que as formas mais antigas de sociedade, e as tradições a ela associadas, eram rígidas e se tornaram obsoletas. E que novas tradições surgiram apenas pela incapacidade de adaptação das velhas tradições. Estas surgem para um fim intencional, atendendo a um novo ensejo de uma coletividade. Seguindo a lógica do historiador Eric Hobsbawm, as tradições inventadas desde a Revolução Industrial se dividem em três categorias: a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade; c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento (HOBBSAWM, 1984, p.18).

No campo da memória, há o conceito de tradição, onde se valorizam práticas ou valores espirituais de geração em geração, cujas crenças são conservadoras e invariáveis ao longo do tempo. Hobsbawm lança a ideia de “tradição inventada” para explicar as práticas e rituais devidamente inventados, construídos e institucionalizados ao absorver valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica num processo de continuidade do passado.

Estas tradições permeiam o imaginário social e estão presentes nos monumentos que representam as figuras militares, afinal estas narrativas utilizam-se de fatos históricos e da atuação de personagens nestes acontecimentos e pretendem motivar as aspirações e as esperanças de um povo, sendo a expressão das ideologias e utopias. Muitas vezes representadas por símbolos, alegorias, rituais e mitos, como indica Baczko: (1985, p. 403) "A imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas". As narrativas históricas que sempre apresentam a interpretação de seus historiadores neste caso especificamente para criação dos

patronos colocam em evidência as qualidades e feitos destas figuras em detrimento de outras características que possam ser julgadas menos nobres. Nota-se a importância destas figuras na motivação organizacional.

A identificação dos militares com os atributos do patrono do Exército Brasileiro permite a unificação de atitudes e aumenta a motivação no cumprimento das missões institucionais. Afinal, “Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. Mas é mais complicado, pois simular não é fingir” (Baudrillard, 1991, p. 9) a criação de mitos passa pela simulação por criar a ideia na qual baseiam-se valores do ethos militar. Os exércitos sempre trabalharam e incentivaram a figura mítica e a simulação, disso advém a escala de valor própria a sua necessidade de manutenção e motivação. O mito militar está tão intrínseco na convivência em sociedade que a própria palavra história tem nele sua origem. Os relatos iniciam nos embates entre humanos e deuses, seres mitológicos, que desafiam a vida terrena. Mais tarde as guerras entre oponentes humanos permeiam o imaginário e originam o mito do vencedor, do imbatível, de superioridade de uma determinada etnia, os feitos militares moldam culturas, criam o sentimento de pertencimento e união a um objetivo real ou virtual. Pode-se, também, imaginar as guerras santas e o mito da aproximação com o sagrado, onde a recompensa da doação integral passa pelo imaginário de uma vida no “paraíso”. “Não podemos imaginá-lo pois o virtual caracteriza-se por não somente eliminar a realidade, mas também a imaginação do real, do político, do social – não somente a realidade do tempo, mas a imaginação do passado e do futuro” (Baudrillard, 1997, p. 71). Esta imaginação do real quando utilizada de forma coletiva e institucional cria a verdade da narrativa de determinada organização, além das tensões entre o imaginário e a cultura de um grupo social influenciar na forma como este grupo quer ser percebido pela sociedade em que está inserido e pode levar a criação de mitos e figuras que inspirem posicionamentos e atitudes como o que ocorre no EB com a criação de patronos.

## **Formação endógena e culto à tradição**

A formação do militar tem suas bases em estruturas que pouco se alteram no passar dos anos e por ser uma instituição disciplinante e disciplinadora o EB forma seus quadros de forma endógena, com a manutenção de sua cultura própria que pode ser observada em manuais.

As Instituições Militares possuem referenciais fixos, fundamentos imutáveis e universais. São os valores militares, que influenciam, de forma consciente ou inconsciente, o comportamento e, em particular, a conduta pessoal de cada integrante da Instituição. A eficiência, a eficácia e mesmo a sobrevivência das Forças Armadas decorrem de um fervoroso culto a tais valores (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2014, p. 4-7).

Ao apresentar esta citação do Manual de Fundamentos do Exército Brasileiro<sup>3</sup> que define os atributos da profissão militar, pretende-se ressaltar as particularidades e padronizações das ações dos militares. Além de exemplificar e explicar as atitudes e posturas adotadas pelos integrantes do EB e os rituais que norteiam a vida militar e destacam os pilares da instituição, que são a hierarquia e disciplina, bem como o culto à história e a tradição.

O manual de fundamentos apresenta de forma explícita os valores da profissão militar: (1) Patriotismo, seria o amor incondicional à pátria mesmo que signifique sacrificar a própria vida, para defender sua soberania, integridade territorial, unidade nacional e paz social. (2) Civismo, o culto aos símbolos nacionais, aos valores e tradições históricas; sendo exteriorizado pelas solenidades cívico-militares e a preservação da memória militar. (3) A Fé na missão do Exército e o amor a profissão militar são baseados na crença inabalável de que a instituição defende a Pátria e as aspirações de seu povo, este valor militar é muitas vezes utilizado para legitimar atitudes e ações implementadas pelo exército e de um modo geral, seus integrantes têm um amor incondicional à profissão e por ingressarem em tenra idade acreditam nessa máxima. (4) Espírito de corpo é o orgulho de integrar a instituição, refletindo a coesão e estando intimamente ligada ao culto aos valores e tradições militares, com demonstrações de gritos de guerra, lemas, uso de insígnias, distintivos e condecorações (5) Aprimoramento técnico-

---

<sup>3</sup> <https://www.eb.mil.br/documents/10138/6563889/Manual+-O+Ex%C3%A9rcito+Brasileiro/09a8b0d2-81d0-4a69-a6ea-0af9a53eaf45>

profissional, entendido como a necessidade constante de sedimentar os conhecimentos com o exercício profissional das atribuições (6) Coragem, senso moral diante dos riscos e perigos, sacrificando a própria vida ou seus interesses pessoais em prol da instituição e da Pátria.

Já os deveres militares que são vínculos morais e jurídicos que ligam o militar a Pátria e a instituição, são voluntariamente assumidos, enquanto os deveres legais são impostos por leis, regulamentos, normas, manuais, diretrizes e ordens. São eles: (1) Dedicção e fidelidade à Pátria, a profissão exige dedicação exclusiva. Este dever remonta às atribuições militares. (2) Probidade e lealdade, pautado na postura e integridade de caráter, características essenciais para as relações profissionais e pessoais exitosas no meio militar e no ambiente de confiança. (3) Disciplina e respeito à hierarquia, pilares da Instituição, (4) Rigoroso cumprimento dos deveres e ordens e (5) Trato do subordinado com dignidade. Os militares traduzem a percepção institucional, pois caracterizam a exteriorização dos integrantes do Exército Brasileiro.

*ÉTICA MILITAR ... É o conjunto de regras ou padrões que levam o militar a agir de acordo com o sentimento do dever, com a honra pessoal, com o pundonor militar e com o decoro da classe. Ela impõe, a cada militar, conduta moral irrepreensível (EXERCITO BRASILEIRO, 2014, p. 4-12).*

A ética militar seria um atributo que sintetiza os valores e deveres, na exteriorização da maneira de agir dos militares.

Manuais como este, expressam os fundamentos da profissão militar e disseminam a cultura que norteia e baliza a instituição, a comunicação é o elo difusor e mantenedor das tradições e costumes.

Segundo (MCCANN, 2009, p.35) em Soldados da Pátria a autoestima de um soldado está relacionada a um senso de participação e integração à identidade coletiva ou corporativa e à socialização. A disciplina militar cria um espírito de corpo, onde a autoimagem, está ligada aos objetivos comuns de sua unidade militar. Desta forma as tradições mantêm este espírito de corpo e da necessidade de agregação a um bem comum.

*O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, (...) uma produção coletiva, (...) que os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. (...) diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação*



aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade (MORAES, 2002, on line).

A hierarquia e disciplina são pilares da instituição militar, amplamente divulgados como uma virtude de seus integrantes, porém poderíamos questionar como as atitudes dos indivíduos são formatadas e incorporam certas normas e posturas psicológicas e físicas de dominação e construção social como citado a seguir.

são a base sobre a qual se **exteriorizam** cotidianamente sinais de respeito, honras, cerimoniais, continências, ordens e comandos; tudo isso executado pelos membros da Força, cada qual em uma posição no interior da instituição, sem que ao menos precisem ter consciência de que, tomadas em seu conjunto, as diferentes condutas são manifestações particulares que necessariamente transitam por esse princípio regulador coletivo que é a hierarquia. Pode-se dizer, portanto, que a partir dela se espelham as **relações** e a **visão de mundo** militares (LEINER apud ROSA, BRITO).

Desta forma percebe-se a necessidade de uniformização, excluindo-se os sentimentos contrários ao espírito de corpo.

A Tríade valores, deveres e ética são tradições imateriais do Exército que balizam e norteiam a postura do militar, criando o espírito de corpo e o sentimento de pertencimento que o hominídeo desde os primórdios de sua vida em círculo procura. Por serem sentimentos tão atávicos ao ser humano permanecem sempre atuais e presentes na sociedade, sendo inclusive qualidades admiradas pelos indivíduos não militares, mas que por obrigação ou escolha convivem com os militares.

A ritualização das atividades diárias pode ser entendida como forma de controle dos impulsos humanos e da necessidade obediência sem questionamento; faz-se necessário refletir como esta instituição tradicional mantém alguns valores inquestionados independente da atualidade, quando há acesso a todo tipo de informação com uma velocidade e volatilidade nunca antes vista, possivelmente a formação endógena acarrete a perpetuação da cultura organizacional.

A formação e manutenção de uma identidade coletiva ou individual torna-se uma virtude e assume poder quando ressalta os pilares institucionais, os representa nas gerações futuras, cria uma aderência e um sentimento de pertencimento. Numa instituição baseada na hierarquia e disciplina, a representação exterior simbólica pelo culto à história e tradição



remonta a atributos inerentes a profissão militar. A disseminação destas práticas se dá desde a expressão oral e troca direta de informações, até a escrita e o uso das redes sociais. Pois a interação mediada reproduz a interação face a face, os mesmos preceitos de uma são espelhados pela outra.

Este ideal de igualdade e ao mesmo tempo distinção entre pares, superiores e subordinados encontra-se visível nas representações exteriores da vestimenta militar, nela está representada toda a história daquele militar seu grau hierárquico, cursos realizados, unidade militar onde serve, tempo de serviço e se condecorações recebidas.

O uniforme militar traz em si uma mística desde a antiguidade, quando as legiões romanas eram vistas desfilando suas couraças avermelhadas ao dominar todo o Ocidente. Não menos atraentes eram as armaduras dos cavaleiros medievais da Idade Média, que lhes dava distinção nos campos de batalha e nos torneios reais. Nos tempos atuais, o uniforme militar é a vestimenta padronizada e regulamentada, usada pelos membros das Forças Armadas (LUZZI JÚNIOR, 2019).

Além do fardamento a boa apresentação do militar engloba: o corte de cabelo, penteado, adornos como brincos, óculos, anel, aliança, relógio e até mesmo a cor do esmalte. Ao analisar estes itens um pesquisador desavisado poderia imaginar um exagero, mas a grande territorialidade do país representa mais um desafio para manter as tradições e a unidade da diversidade.

Aqui, voltamos a encontrar um velho problema formulado numa alternativa natureza/cultura: o da unidade e da diversidade humanas. Ou se opõe, à extrema diversidade dos indivíduos, etnias, culturas, um princípio abstrato de unidade que a esfolia ou, de fato, simples epifenômenos ou, então, opõe-se, a esse princípio abstrato e imóvel, uma heterogeneidade, que se torna ela mesma ininteligível. (MORIN, 1976, p.207).

Então as normas escritas de conduta e postura ganham especial conotação na uniformidade que levam aos mais diversos recantos do país o sentimento de pertencimento e brasilidade.

Goffman dedica grande parte de sua obra a demonstrar como agimos, sozinhos ou nas situações de equipe, sempre na expectativa de que somos, simultaneamente, ator e plateia de uma complexa encenação (GOFFMAN, 2002). Esta ritualização que estabelece conexões e

representações mantêm viva as tradições, independente das mudanças no imaginário social e nas manifestações culturais.

Sempre será necessário que as imagens geradas na mente emerjam à superfície, não importa se traduzidas em som, palavras, cores, volumes, objetos, o que importa é que elas venham à tona para se transferir para outros seres.

Uma vez transmitidas, recebidas por outros, importa que alcancem a caixa de ressonância interior e profunda, gerando novas imagens, retornando às entranhas, reverberando novamente em múltiplas dimensões. (BAITELLO apud BUZZONI 2013).

As imagens carregam em si os conhecimentos da representação, fazem com que estas ganhem caráter míticos ao motivar atitudes, desta forma as propagam-se através das gerações.

## **Considerações**

A organização do homo sapiens em sociedade, suas interações, o desejo de ser ouvido, visto e reconhecido o leva a assumir papéis sociais e aderir a determinada instituição; da mesma forma as instituições para manterem uma unidade e continuidade aderem a rituais, no caso do Exército Brasileiro estes remontam a era em que os seres humanos começaram a disputar seus espaços, territórios e fronteiras foram fixadas. Havia a necessidade de garantir a existência de sua descendência, por isso o *ethos* militar é baseado na obediência sem questionamento.

A representação histórica pode ser imaterial com gestos e atitudes ou por meio de monumentos que representam os desejos, aspirações da sociedade e inspire ações que ensejam em si todo o sentimento de nacionalidade e pertencimento.

Ao andarmos pelas cidades a todo momento nos deparamos com as representações sociais, elas nos ajudam a lembrar nossos feitos e ressaltar o sentimento de pertencimento e comunidade.

A formação endógena mantém os pilares culturais preservados no decorrer dos anos, a todo momento lembra feitos passados e atitudes que deverão ser repetidas, com total valor na manutenção institucional.

No campo da História Cultural estas representações contam as narrativas dos nossos antepassados de acordo com a estrutura social vigente à sua época. No campo da Comunicação

apresentam uma linguagem inteligível a todos os indivíduos, capaz de motivá-los, fazê-los se identificar e sentir-se representados.

## Referências

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In *Enciclopédia Einaudi*, s. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e Simulação. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BEZERRA, Rafael Zamorano Objetividade histórica, autenticidade e restauração dos monumentos históricos: algumas considerações. Anais I Encontro Nacional da associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2010, on line. Disponível em <https://www.anparq.org.br/dvd-enparq/simposios/59/59-747-1-SP.pdf>. Acesso em 01 Nov 2022.

BRITO, Tiago. Continência militar: breves anotações. JusBrasil, 2015. Disponível em [https://advtiagobrito.jusbrasil.com.br/artigos/176023953/continencia-militar-brevess-anotacoes?ref=topic\\_feed](https://advtiagobrito.jusbrasil.com.br/artigos/176023953/continencia-militar-brevess-anotacoes?ref=topic_feed). Acesso em 20 Jun 2020

BUZZONI, Rachel de Rosso. Vínculos comunicativos. CHIACHIRI Fº, Antonio Roberto, CAZELOTO, Edilson, MENEZES, José Eugenio de Oliveira (Org). Comunicação Tecnologia e Cidadania, São Paulo: Editora Plêiade, 2013

ECO, Umberto – Tratado geral de semiótica. 4ª ed. São Paulo. Perspectiva. 2007.

EXÉRCITO BRASILEIRO, Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército, Valores, Deveres e Ética Militares – 1ª Edição 2002, on line. Disponível em <http://www.sgex.eb.mil.br/index.php/cerimonial/vade-mecum/106-valores-deveres-e-etica-militares>. Acesso em 01 Nov 2022.

\_\_\_\_\_, C 22-5 Manual de Campanha – Ordem Unida, 3ª Edição, 2000, on line , Disponível em <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/C-22-5>. Acesso em 01 Nov 2022.

\_\_\_\_\_, Regulamento de Uniformes do Exército- RUE, 3ª Edição, 2022, on line, Disponível em [http://www.sgex.eb.mil.br/sg8/001\\_estatuto\\_regulamentos\\_regimentos/02\\_regulamentos/port\\_n\\_1769\\_cmdo\\_eb\\_14jun2022.html](http://www.sgex.eb.mil.br/sg8/001_estatuto_regulamentos_regimentos/02_regulamentos/port_n_1769_cmdo_eb_14jun2022.html). Acesso em 01 Nov 2022.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 14ª Edição. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida contemporânea 10ª ed, Petrópolis: Editor Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Ritual de Interação: Ensaios sobre o comportamento face a face, Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 14a. edição. São Paulo: DP&A, 2013.

HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1984.

LE GOFF, Jacques. História e Memória, Campinas, SP Editora da Unicamp, 1990.

LUZZI JÚNIOR, Mário Augusto de Araújo. Dom Total. Disponível em:  
<https://domtotal.com/noticia/1379936/2019/08/>. Acesso em 20 Jun 2020

MCCANN, Frank D. Soldados da Pátria – História do Exército Brasileiro 1889-1937, 1ª Reimpressão, São Paulo Companhia das Letras, Rio de Janeiro Biblioteca do Exército. 2009.

MORAES, Dênis. Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997. Disponível em 17283-Texto do Artigo-65066-1-10-20180913. Acesso em 20 Nov 2022.

MORIN, Edgar. O Enigma do homem 2ª ed, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976

PESAVENTO, Sandra Jatahy, História & História Cultural, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2003

ROSA, Alexandre Reis, BRITO, Mozar José de. “Corpo e Alma” nas Organizações: um Estudo Sobre Dominação e Construção Social dos Corpos na Organização Militar”. Rev. adm. contemp. vol.14 ano.2 Curitiba abr. 2010. Disponível em <https://rac.anpad.org.br/index.php/rac/article/view/736/733>. Acesso em 20 Jun 2020